

“Sons de Dentro: a sobrevivência pragmática de um músico da favela”

Sounds from Within: The Pragmatic Survival of a Favela Musician

Bruno Coutinho de Souza Oliveira¹

Resumo

Este artigo discute como um músico negro independente, morador de um conjunto de favelas do Rio de Janeiro (Brasil), tem sobrevivido com sua arte desde a pandemia de Covid-19. Articulando perspectivas das Ciências Sociais e da Linguística Aplicada, o estudo busca compreender as narrativas desse artista sobre sua produção profissional na cidade do Rio de Janeiro. Como entrada para o estudo, utiliza-se o material produzido pelo artista por meio de performances musicais e narrativas de sua vida em um programa online chamado “Sons de Dentro” ocorrido no período pandêmico, bem como entrevistas concedidas ao autor após o término da pandemia. Observa-se em suas falas e performances a leitura crítica sobre as questões macro e microsociológicas históricas da sociedade brasileira: se reconhece nas estruturas sociais, políticas e econômicas desiguais e racistas, elaborando táticas de ação e resistência para sobreviver ao longo do tempo. Os resultados indicam um duplo movimento. Por um lado, o músico apresenta um alto grau de reflexividade crítica sobre suas identidades sociais e seus lugares de pertencimento na estrutura fortemente estratificada da sociedade brasileira. Por outro lado, os dados mostram que, mesmo em condições de vulnerabilidade, o artista se apropria das tecnologias e tropos culturais disponíveis, para continuar produzindo sua vida por meio da música, fenômeno que tenho denominado como “sobrevivência pragmática”. O diálogo interdisciplinar entre os estudos da linguagem e os estudos sociais urbanos surge, assim, como um caminho fecundo para compreender possibilidades de reinvenção artística desses músicos moradores de favelas em condições de opressão e precariedade, considerando suas formas de interpretação, ação e resignificação performática e narrativa de signos historicamente estigmatizados e subalternizados das favelas e de seus moradores.

Palavras-chave: Músicos independentes; sobrevivência; favela; pandemia.

Abstract

This article discusses how an independent Black musician, a resident of a group of favelas in Rio de Janeiro (Brazil), has survived with his art since the COVID-19

1

Doutor em sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ) e bolsista de pós-doutorado FAPERJ (PDR-10), vinculado ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PIPLA/UFRJ).



pandemic. Combining perspectives from Social Sciences and Applied Linguistics, the study seeks to understand this artist's narratives about his professional production in the city of Rio de Janeiro. As input for the study, I use material produced by the artist through musical performances and narratives of his life in an online program called "Sons de Dentro" (Sounds from Within), which took place during the pandemic, as well as interviews with the author after the pandemic ended. His speeches and performances demonstrate a critical reading of the historical macro- and micro-sociological issues of Brazilian society: he recognizes himself in the unequal and racist social, political, and economic structures, developing tactics of action and resistance to survive over time. The results indicate a dual movement. On the one hand, the musician displays a high degree of critical reflexivity regarding his social identities and his places of belonging within the highly stratified structure of Brazilian society. On the other hand, the data show that, even in vulnerable conditions, artists appropriate available technologies and cultural tropes to continue producing their lives through music, a phenomenon I have termed "pragmatic survival." The interdisciplinary dialogue between language studies and urban social studies thus emerges as a fruitful path to understanding the possibilities of artistic reinvention of these musicians living in favelas under conditions of oppression and precariousness, considering their forms of interpretation, action, and performative and narrative resignification of historically stigmatized and subalternized signs of favelas and their residents.

Keywords: independent musicians; survival; favela; pandemic

Introdução

No ano de 2020, o mundo foi fortemente impactado pela rápida expansão do vírus SARS-CoV-2. Naquele momento, fomos forçados a criar novas formas de interação e convivência em nome da nossa própria sobrevivência. Governos de diferentes matrizes ideológicas criaram medidas de proteção para a sua população – mesmo a contragosto, como no caso do governo de extrema-direita de Jair Bolsonaro (2019-2022) –, como o isolamento social. Tais medidas obrigatórias, se por um lado protegeram muitas vidas, por outro também geraram crises sociais, econômicas e políticas em muitos países (Costa et al., 2020), como o aumento do desemprego e a precarização nas relações entre o capital e o trabalho. O impacto mais grave de todo esse cenário de pandemia pôde ser sentido em regiões periféricas e áreas suburbanas com baixos índices



"Sons de Dentro: a sobrevivência pragmática de um músico da favela"

Bruno Coutinho de Souza Oliveira¹

de desenvolvimento humano, incidindo em um alto índice de contágios e óbitos (Fiocruz, 2020)².

A partir do decreto do isolamento social³, passei a observar e a escutar relatos de amigos, conhecidos e pessoas que atuavam profissionalmente no mundo das artes, principalmente musicistas, sobre a interrupção abrupta de suas atividades que gerava insegurança financeira e psicológica. Todas essas pessoas moravam nas regiões de subúrbio e favelas das cidades do Rio de Janeiro e de Niterói. Elas representavam um contingente de pessoas que ao longo da vida fizeram suas carreiras circulando pela cidade, tocando em bares e restaurantes, casas de espetáculos, espaços culturais, entre outros locais que possibilitavam a essas pessoas viverem de seus trabalhos musicais. Naquele momento pandêmico, estavam todos trancafiados em suas casas e sozinhos. Completamente isolados. Diante desse cenário catastrófico, tive a ideia de elaborar um projeto intitulado "Sons de Dentro". A proposta central do programa era proporcionar a esses artistas um espaço de produção e trocas de experiências artísticas, mesmo que fosse somente virtual. Era uma saída.

O projeto "Sons de Dentro" ganhou materialidade por meio da parceria que estabeleci com um coletivo cultural independente. O projeto aconteceu por meio de encontros musicais on-line entre artistas independentes impactados pelas ações de isolamento social decorrentes da pandemia do Covid-19. Os artistas convidados compartilham entre si reflexões sobre o momento vivido e possíveis saídas para os limites físicos e psicológicos do isolamento, assim como apresentaram suas artes para todos que entraram na *live*. Ao mesmo tempo, o programa abriu espaço para apresentações de obras autorais e interpretações *covers*, buscando também viabilizar contribuições financeiras por meio de doações e de sorteios de produtos do programa (canecas, CDs e outras obras produzidas pelos próprios artistas). O programa foi ao ar durante o ano de 2020. Foram vinte e dois (22) artistas em oito (8) edições com diferentes temas cada uma⁴.

Para este artigo, busco analisar as performances narrativas (Baumann e Briggs, 2006 [1990]) de um dos participantes do programa, o cantor e compositor Veto Martins⁵. Sendo ele um artista independente, negro e morador de um complexo de favelas da cidade do Rio de Janeiro, este

2

Esses dados encontram-se no Radar COVID-19 Favelas. Essa iniciativa foi realizada no âmbito da "Sala de Situação - Covid-19 nas Favelas do Rio de Janeiro", vinculada ao Observatório COVID-19 da Fiocruz. Para mais informações acessar: <http://www.epsviv.fiocruz.br/podcast/covid-19-favelas-fiocruz-aponta-que-pandemia-tem-mais-impacto-em-areas-pobres-do-rio#:~:text=Relatos%20obtidos%20por%20novo%20monitoramento,cidade%2C%20com%20menos%20infraestrutura%20estatal>. Acesso em 18/11/2020.

3

Decreto 46.966 de 11 de março de 2020.).

4

Essa iniciativa tornou-se mais tarde objeto da pesquisa que realizo atualmente no pós-doutorado intitulado "Sons da pandemia: um estudo das narrativas de sobrevivência de artistas populares sobre moradia e trabalho em tempos de COVID-19". Esse projeto é financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) na modalidade PDR-10.

5

A utilização do nome e da obra do artista está assegurada na sua autorização prévia, por meio de sua leitura e da sua assinatura do "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido" disponibilizado pela comissão de ética e do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PIPLA/UFRJ).



"Sons de Dentro: a sobrevivência pragmática de um músico da favela"

Bruno Coutinho de Souza Oliveira¹

artigo busca refletir sobre como Veto vem desenvolvendo suas atividades profissionais do período da pandemia de Covid-19 até os dias atuais. A ideia é refletir, por meio das suas narrativas autorais, como os limites impostos pelo isolamento social do período pandêmico incidiram sobre seus trabalhos artísticos naquele momento e como transbordaram para o período pós-pandêmico. Para isso, será utilizada uma perspectiva "indisciplinar" das teorias aplicadas (Fabrício, 2017; Moita Lopes, 2006), estabelecendo um diálogo entre autores das ciências sociais e da linguística aplicada⁶.

Como observaremos mais adiante, a performance artística de Veto no "Sons de Dentro" evidenciou como as desigualdades socioeconômicas incidem fortemente sobre as formas de interação e de atuação artística de músicos favelados nas redes digitais. Blommaert (2005) diz que as narrativas produzidas no cotidiano da vida material e concreta são recontextualizadas nos meios de comunicação digitais possibilitando reinvenções das realidades vividas. A dificuldade de conexão estável e de boa qualidade de Veto Martins no programa o fizeram reinventar sua performance numa das edições do programa. O nexo on-line/off-line expõe a dupla dependência entre o quê e como se vive as desigualdades e as injustiças no cotidiano dos territórios periféricos da cidade e o mundo das redes sociais de internet. Um mundo revela o outro, e vice-versa.

No período pós-pandêmico, as desigualdades sociais, entremeadas pelas questões raciais, impactaram (e ainda incidem) na retomada do seu trabalho musical e são ressaltadas nas narrativas do artista. No entanto, mesmo diante de condições materiais e simbólicas que precarizam sua produção artística, tal realidade não o impede de reelaborar suas atividades e buscar ressignificar sua vida cotidiana. É essa capacidade de analisar criticamente o contexto e seu lugar no mundo social, bem como de improvisar as ações em busca de soluções para as adversidades decorrentes das desigualdades sociais, econômicas, territoriais e raciais que eu tenho denominado de "sobrevivência pragmática".

Como veremos ao longo do texto, o trabalho musical o possibilita criar alternativas possíveis para sua vida em diferentes espaços da cidade. O pragmatismo de Veto Martins, e de tantos outros artistas de periferia, evidencia que a sobrevivência é muito mais do que uma condição que leva

6

Essa proposta "indisciplinar" foi elaborada por Moita Lopes (2006) e está ancorada na perspectiva teórica que busca romper fronteiras disciplinares rígidas. Ela propõe uma ruptura epistemológica: desafiar os modos estabelecidos de produção de conhecimento, questionar os limites disciplinares e propor formas mais híbridas, contextuais e críticas de investigação.



os sujeitos a agirem na precariedade de forma automática ou instintiva. Exige sabedoria e sagacidade para analisar as diferentes dimensões da existência social em um país marcado historicamente pela desigualdade de oportunidades e o racismo opaco que mantém o apartheid social e urbano.

2. As performances narrativas e os princípios da sobrevivência pragmática

Para refletir sobre as performances narrativas em tempos de pandemia, podemos recorrer a Walter Benjamin (1936 [1994]), que entende a narrativa como algo que vai além da simples transmissão de fatos. O narrador não comunica apenas dados objetivos, mas compartilha experiências e memórias que podem ser apropriadas de modos diferentes por cada ouvinte. A narrativa, nesse sentido, tem um caráter artesanal: guarda e renova tradições, conecta sujeitos a uma memória coletiva e permanece aberta a novas interpretações. Diferente da informação moderna, marcada pela pressa e pelo consumo imediato, a narrativa preserva um valor duradouro e formador, sendo "a experiência [que] torna-se significativa e acessível ao ser narrada pelos sujeitos, e tal narração, por sua vez, só pode ser conhecida ao ser interpretada, (re)contextualizada e (res)significada pelos próprios pesquisadores" (Lopes et al, 2019, p. 34).

Por outro lado, de um ponto de vista etnomusicológico (Seeger, 2008), as narrativas que ocorrem por meio da música – em suas letras, canções e performances corporais – podem também ser entendidas como uma linguagem, ou melhor, como uma prática social em que são "performativizadas" as diversas vozes sociais. Diferentes performances captadas e analisadas do programa "Sons de Dentro" trazem à tona a faceta semiótica de fenômenos socioeconômicos, mostrando as "estratégias de sobrevivência" (Lopes et al, 2019) de artistas que precisam desafiar cotidianamente a escassez de recursos e a falta de equidade na distribuição do direito à cultura e à arte. Simbolicamente, também orientaram suas performances na busca por ressignificar padrões hermenêuticos sobre identidades de grupos historicamente subalternizados na cultura brasileira – como as simbologias machistas e sexistas sobre as mulheres negras (González, 1984). Em outras palavras, este trabalho aponta para os processos



"Sons de Dentro: a sobrevivência pragmática de um músico da favela"

Bruno Coutinho de Souza Oliveira¹

criativos "não apesar da precariedade, mas a partir dela", a capacidade desses trabalhadores e dessas trabalhadoras da arte de fazerem muito com pouco, de dar nó em pingo d'água nas desigualdades que estruturam a sociedade brasileira (op.cit., p.105).

Esse acionamento discursivo por parte dos músicos populares aponta para as construções narrativas sobre suas identidades como mecanismo de resistência e de resignificação de seus pertencimentos no mundo. A "identidade" aqui não está relacionada à leitura essencialista, natural, completa e terminada do sujeito, mas reconhecendo que a identidade se constitui como "ato performativo" por meio de narrativas que relacionam "não só eventos de uma narrativa (os eventos narrados), mas também estão envolvidos na performance de quem são na experiência de contar a narrativa (o evento de narrar)" (Moita Lopes, 2009. p.135). Em outras palavras as performances da identidade são performances narrativas por meio das quais "os sujeitos se reinventam, reiteram e modificam a si mesmos, as suas próprias experiências, bem como o contexto em que vivem" (Lopes, 2019, p. 34). Neste ponto, a análise do discurso nos auxilia como ferramenta de análise sobre como as identidades sociais se constituem considerando que "as performances narrativas são fundamentalmente intertextuais, ou seja, as histórias que contamos sobre nós mesmos são sempre influenciadas por histórias de outras pessoas. Em nossas vidas, estamos citando a nós mesmos e aos outros, criando sempre novos padrões de significados" (Idem, p. 34-35).

Desse modo, de maneira a confrontar os discursos hegemônicos, as performances narrativas periféricas orientam-se pela busca de resignificados narrativos que possam superar as produções discursivas estigmatizantes que ainda interferem na construção dos significados sobre moradores de favelas e subúrbios, que ora segregam os espaços e os sujeitos periféricos dos centros econômicos e de poder, ora buscam a integração desses mesmos sujeitos na cidade de forma espoliada e subalternizada. Nas últimas décadas, têm-se observado uma série de atividades realizadas por grupos socioculturais locais, bem como uma crescente bibliografia nas ciências sociais que estudam tais movimentos, que demonstram a potência criadora dessas artes nos espaços periféricos (Facina, 2014; Dantas, Mello, Passos, 2012). Essas manifestações artísticas têm sido utilizadas como mecanismos



de reconhecimento público de direitos políticos e sociais, ou mesmo como forma de continuar existindo na cidade, frente a política de "guerra às drogas" e aos crescentes conflitos armados nas favelas e subúrbios cariocas (Farias et al., 2018).

Diante desse quadro, podemos interpretar esse movimento de resignificação das presenças e permanências citadinas como uma forma de "sobre-vivência" (Facina, 2019; Facina, Silva e Lopes, 2019). A ideia de sobrevivência aqui não indica uma vida aquém do imaginado como ideal e pleno, como vidas inferiores marcadas somente pela falta ou ausência de dignidade, mas, uma vida que se reinventa a partir do que está colocado como possível e acessível no tempo e no espaço vivido. Em outras palavras, partindo das experiências de moradores de favelas e periferias urbanas – como no caso do cantor Veto Martins –, a sobrevivência revela "padrões de interação sociais e de sociabilidade específicos, muitas vezes, erigidos sob o signo da resistência" (Facina, 2014, p. 88). Assim, a sobrevivência impõe aos sujeitos o contrário da lógica imediata e fugaz da vida precária. Sendo essa uma prática permanente em um contexto de pobreza e de desigualdade estruturais, desenvolve-se nessas pessoas uma capacidade aguda de análise de contexto, planejamento, sistematização e organização das ações para a busca de soluções permanentes para problemas e atendimento de demandas históricas e estruturais.

A partir dessa interpretação, tenho desenvolvido a ideia de um tipo específico de performance que caracterizaria a vida cotidiana desses sujeitos moradores de favelas e periferias urbanas, a qual denomino sobrevivência pragmática (Oliveira, 2019). Esse tipo de sobrevivência pode ser entendido como um conjunto de práticas cotidianas que moldam uma rotina de vida estruturada em contextos de vulnerabilidade econômica, social, política e territorial. Luc Boltanski e Laurent Thévenot (1999; 2006), contribuem teoricamente para a definição do conceito de sobrevivência pragmática quando defendem que sujeitos comuns exercitam suas competências e habilidades para elaborar soluções justificadas em "momentos críticos"⁷. Em outras palavras, os autores franceses argumentam que a capacidade reflexiva – característica historicamente atribuída aos sujeitos intelectuais e acadêmicos – apresenta-se também como um atributo constitutivo dos sujeitos ditos "comuns" em situações de divergência e disputas de

7

Esse conceito está ancorado na produção teórica da chamada Escola Pragmática Francesa, corrente sociológica que surgiu na França a partir dos anos 1980. Alguns dos principais representantes são Luc Boltanski e Laurent Thévenot, autores que trago neste artigo. Essa corrente teórica se caracteriza por uma abordagem voltada à análise das práticas sociais cotidianas, das justificações e da capacidade dos atores de agir, argumentar e julgar em situações concretas, especialmente em contextos de conflito ou disputa. Propõe uma ruptura com o estruturalismo clássico e com o determinismo social forte, buscando um olhar mais atento às capacidades de ação, crítica e julgamento dos indivíduos em situações reais. Nesse sentido, como se pode imaginar, não há uma sobreposição automática de conceitos redundantes no termo "sobrevivência pragmática", pois a ideia de sobrevivência não pressupõe por si só uma atitude ancorada na reflexão crítica, racional e contextualizada, podendo ser interpretada inclusive como um ato primeiro impulsionado por necessidades elementares e naturais de manutenção da própria existência física (como fugir ou se esconder).



"Sons de Dentro: a sobrevivência pragmática de um músico da favela"

Bruno Coutinho de Souza Oliveira¹

visões de mundo. Dessa forma, Boltanski e Thevenót afirmam que esses sujeitos inseridos em situações de conflito e de possível ruptura estarão sempre sujeitos aos imperativos de justificação, e que precisarão seguir certas regras de aceitabilidade dentro do "mundo social", ou a "ordem de grandeza" (Boltanski e Thevenót, 1991), adequada para encontrar uma saída, uma solução para situações críticas –; um exemplo é o ajuste do repertório musical que os artistas realizam de acordo com o "mundo social" em que estão inseridos⁸. Dessa maneira, "sujeitos comuns" no exercício da sobrevivência pragmática atuam permanentemente avaliando, baseados em uma condição existencial de dependência mútua em situações de precariedade material e subalternidade identitária, elaborando saídas justificadas reflexivamente em arranjos sociais coletivos de resistência. Seriam assim modos de ação ou "maneiras de fazer" (Certeau, 2008) que apontam para um tipo de prática, cuja a capacidade de agir sob contextos de vida extenuantes na cidade, e que revelam como a resignação e a ressignificação das realidades se combinam como atributos em busca de uma vida mais promissora, como veremos a seguir na próxima seção.

Cabe ressaltar que a sobrevivência pragmática também revelaria a solidariedade característica desses contextos que se manifesta e se exercita como a própria condição humana, ou seja, práticas cotidianas elaboradas por meio de uma leitura pragmática da existência e que se estabelece por meio da colaboração mútua de seus viventes. Nesse sentido, Judith Butler (2016; 2021) nos auxilia na reflexão quando define "vulnerabilidade" de uma forma ampliada como "uma característica da relação que nos une uns aos outros e às estruturas e instituições maiores das quais dependemos para a continuação da vida" (Butler, 2021, p. 39). Para a filósofa, a vulnerabilidade não é uma condição meramente individual, mas também relacional e social, ligada à nossa interdependência com os outros e com o mundo que nos circunda. Além disso, afirma que o termo representaria a própria possibilidade de resistência autônoma e o entende como ação política contra diferentes manifestações da violência institucional.

8

Cabe aqui trazer uma explicação mais detalhada sobre as "ordens de grandeza" a que os autores se referenciam para pensar quais justificações os sujeitos críticos elaboram para tomar suas posições e decisões em momentos críticos. Boltanski e Thevenót (1991) identificam várias ordens de justificação, que são como "mundos sociais" baseados em diferentes valores. Exemplos desses mundos: cívico, que valoriza o bem comum, a igualdade, a justiça; industrial, que valoriza a eficiência, produtividade, desempenho; doméstico, que valoriza a tradição, hierarquia, lealdade; fama, que valoriza o reconhecimento, a reputação; mercado, que valoriza o lucro, a competição, o interesse; inspirado, que valoriza a criatividade, a paixão, a autenticidade. Dessa forma, as pessoas mobilizariam essas diferentes ordens quando precisam justificar suas ações, defender um ponto de vista ou resolver disputas/questões. Um exemplo é a maneira como artistas adaptam seus repertórios para entrarem em espaços estritamente comerciais e se firmarem no mercado de entretenimento: retiram a prevalência do mundo inspirado justificado nas músicas autorais para compor um repertório mais comercial com músicas covers de grande sucesso no público, adaptando para os mundos do mercado e da fama.



3. A sobrevivência dos músicos populares: o caso de Veto Martins

Parto aqui da participação de Veto Martins na 4ª edição do programa "Sons de Dentro" cujo o tema foi "Racismo e desigualdades na produção artística nas periferias das cidades durante a pandemia"⁹. O programa tinha como proposta criar um espaço de interação e exposição dos artistas em meio a condição de isolamento/distanciamento na pandemia de Covid-19. Homem negro e gay, Veto tem como marca registrada a voz grave e uma forte performance teatral. Seu perfil musical é eclético. Transita entre diferentes estilos musicais, com maior ênfase em *covers* de rock brasileiro e internacional e da Música Popular Brasileira (MPB). Além de intérprete/cantor de músicas de outros artistas, Veto também é compositor.

No momento de sua participação no programa, Veto expôs uma série de dificuldades técnicas com seus equipamentos sonoros e de transmissão em *lives*. Seu acompanhamento musical que serviria de base para sua interpretação vocal não funcionou. Ao mesmo tempo, sua conexão de internet apresentava sucessivas falhas, "travando" durante suas falas e cantorias. Mesmo com todos esses limites materiais, Veto compartilhou com a audiência e os demais participantes do programa, sua história e o cotidiano difícil de moradores de favelas, falando acima de tudo sobre a capacidade de artistas pobres como ele de sobreviverem com sua arte. Veto mora no Complexo do Alemão¹⁰, um bairro formado por um conjunto de favelas no Rio de Janeiro.

Ao longo de sua participação narrou seu cotidiano de artista pela cidade do Rio de Janeiro e relatou seu momento de isolamento social, compartilhando o quanto estava se apropriando das tecnologias para divulgar o seu trabalho artístico. No dia a dia da pandemia, matinha ativa sua performance nos seus perfis do Instagram e do Facebook, com publicações e *lives* musicais todos os dias a partir das 20h. No "Sons de Dentro", participou com um repertório composto majoritariamente por músicas *covers*. Entre uma e outra, performou uma de sua autoria chamada "GPS" (*Global Positioning System*). A música traz elementos da sonoridade *pop* com batidas que remetem ao *funk* e ao *dance music* eletrônico. A letra

9

Cada tema foi proposto a partir de um título que seria utilizado como chamada na divulgação das edições nas redes sociais. As frases foram: Brasil entre vírus: e a produção da arte? (1ª e 2ª edições); Entre os desejos e as necessidades na pandemia: ética, alteridade e empatia durante as medidas de isolamento social contra a Covid-19 (3ª ed.); MPB/Pop, o racismo e a desigualdade na produção artística das periferias (4ª ed.); Samba, subúrbios e favelas na COVID-19 (5ª ed.); A sobrevivência do blues e do jazz no isolamento (6ª ed.); Rap, Funk e a resistência periférica na pandemia (7ª ed.).

10

Localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, o Complexo do Alemão é um bairro formado por 15 comunidades com diferentes modelos de moradia – barracos, condomínios, casas suburbanas. Sua população total é de aproximadamente 55.000 habitantes (IBGE, 2022). A área é fortemente estigmatizada devido à presença de traficantes de drogas que controlam o território e do alto índice de jovens mortos pela polícia.



"Sons de Dentro: a sobrevivência pragmática de um músico da favela"

Bruno Coutinho de Souza Oliveira¹

remete-se a busca por mudanças da vida, mas permanecer sempre alerta, atento, no limite entre a vida e a morte, seja na pandemia ou fora dela.

Eu não posso mais viver tão triste... o que fazer? / Morte e vida sempre rondando a gente / E a gente é que não vê / Todo dia acorda no limite / É preciso escapar / Vou seguir o rumo que acredito / Pra chegar lá / É tudo ou nada! / Fique atento na parada / GPS na estrada só pra ver onde vai dar / Suba a escada! / Veja a vida já mudada só assim a gente anima pra saber o que vai dar! (GPS, Veto Martins)

Em seguida, Veto passou a compartilhar experiências e leituras performáticas de um músico de favela que o insere em um grupo social historicamente subalternizado no Brasil: a população negra.

Preciso ressaltar uma coisa: o preto retinto é o preto que não tem jeito. Não existe "passagem" para nós (...) Eu sou preto e ponto final. (...) Precisamos desconstruir essa criação branca que até nós, pretos, tivemos, entende, nós, pretos, muitas vezes criados para respeitar os brancos e ponto final. Viemos de uma sociedade que acreditava que não tínhamos alma... vocês vão me negar o direito de ter alma! É como se eu precisasse de passaporte para ter alma! (...) Eu não preciso virar branco! Eu nasci bonito, olha só! (...) Demorei um tempo para entender que eu podia (...) Os pretos na festa são as babás de uniforme, os olhares, quando você entra na festa, todos te olham... Quantas vezes você chega na calçada, em Ipanema, e a moça pega a bolsa (...) pegar a bolsa porque eu passei, ou porque outra pessoa negra passou, não é só comigo.¹¹

Nesse fragmento, Veto fala sobre como o olhar branco projeta sobre ele a imagem de um ser "sem alma". Isso nos mostra como o racismo colonial produziu uma divisão maniqueísta no mundo moderno entre uma "zona do ser" e uma "zona do não ser". Para Fanon (2008), os negros seriam posicionados pelo olhar branco e colonial nessa zona do não-ser, onde "o homem negro não é um homem" (IDEM, p. 26), portanto, não é um

11

Os trechos utilizados são oriundos da participação do artista no programa "Sons de Dentro" e de entrevistas posteriores entre o autor e o músico.



"Sons de Dentro: a sobrevivência pragmática de um músico da favela"

Bruno Coutinho de Souza Oliveira¹

ser. Assim, o mundo colonial não se expressa apenas na divisão do espaço, mas também permeia o mundo dos valores e das ideologias. Se "o ser" é composto de corpo e alma, remover a última, como nos diz Veto, é remover sua humanidade.

Inspirada por Fanon (2008), Lelia Gonzales (1984) aponta que no Brasil existe uma divisão racial do espaço, que se perpetua através do apagamento dos negros na sociedade brasileira, pois aos homens e mulheres negros é negado "o status de sujeitos humanos" (Idem, p. 232). Não é por acaso que, no discurso de Veto, a mulher branca na figura da "senhora (que) agarra a bolsa" em "Ipanema" (uma área de classe alta da cidade do Rio de Janeiro), olha para Veto e teme um assaltante; a mulher branca que é "a pessoa (que) olha e não vê", em Veto, um artista, mas apenas um perigo em potencial.

A dimensão de sua negritude é de fundamental importância para entendermos como Veto Martins e tantos outros artistas periféricos se perceberam como sujeitos precarizados e discriminados na lógica das relações raciais na sociedade brasileira. Ao longo do debate no programa em que participou, cujo o tema central era o racismo no período da pandemia, ele e os demais artistas compartilharam dados e reflexões a respeito do maior grau de vulnerabilidade que a população negra enfrentava naquele momento. Repetiam que, se em situação de normalidade (fora da pandemia), a situação já era crítica para os artistas negros, devido ao preconceito e ao racismo que limitavam circulações livres pela cidade e o acesso aos espaços de apresentação – principalmente em restaurantes e bares cujo o público era majoritariamente branco e de classe média –, na pandemia, sem apoio governamental e sem trabalho, "o presente era desolador e muito pouco promissor" (Veto Martins).

No entanto, Veto mostrou-se sempre ativo e destemido em sua performance de afirmação do seu trabalho artístico. Suas narrativas apontavam sempre para alguém que "corre atrás", e que adequa e inventa suas atividades dentro do que é possível. Sobre sua dinâmica de vida em torno de suas atividades profissionais, Veto ressalta as "batalhas" cotidianas em torno da sua sobrevivência como músico favelado:

Veto Martins é esse um cara que lida em todas as posições necessárias para avançar. Eu acho que a gente



"Sons de Dentro: a sobrevivência pragmática de um músico da favela"

Bruno Coutinho de Souza Oliveira¹

vive num dia, no, numa batalha, e essa batalha precisa ser ganhada, com estratégia, com sabedoria. Então, hoje eu faço jantares, porque eu estou construindo meu salão. Daqui a pouco eu vou estar com meu salão. É fluindo, fluindo bem e isso vai me possibilitar voltar os meus focos para minha área artística... e aí o repertório é um repertório que é pensado a partir de uma demanda específica do cliente, né? (...) Não, não toco normalmente, eu não estou tocando o que eu prefiro? Mas eu gosto de tudo que eu toco, digamos assim, aham, entendeu? É... E o meu repertório mais particular é um repertório que está aberto para inserir qualquer coisa por demanda ou por preferência. Eu acho que essa mutabilidade minha se traduz dentro da minha música, justamente quando a gente vai ver o que eu sou, um cantor diverso, de cantor de tudo. Eu vou pegar e vou juntar num mesmo repertório. O mesmo repertório na mesma noite. Aí eu vou agradecer a senhorinha que adora Geraldo Azevedo e vou agradecer a neta dela que está dando para balançar a raba, arrastar no chão.

Nessa passagem, Veto reafirma sua capacidade de organizar sua vida dentro das possibilidades que se apresentam para ele, tendo como foco final sua carreira artística. Veto faz uma leitura pragmática sobre a necessidade de "ganhar as batalhas da vida" como forma de sobrevivência diária, mas como "estratégia" e "sabedoria", ao mesmo tempo que já traz a sua dimensão de análise sobre o repertório que precisa ser "mutável" a partir da necessidade de "agradar a senhorinha e a neta dela". O repertório aqui é elemento central para que o músico consiga se estabelecer diante do seu público como um "bom músico" – versátil e sensível às preferências de gosto da sua audiência. Todas essas leituras fortemente racionalizadas remontam os princípios que o inserem na jornada pela formação do *self* moderno, como afirma Charles Taylor (1997), como aquele calcula e projeta sua performance dentro de um conjunto moral esperado nas sociedades contemporâneas e ocidentais. Aqui, a sobrevivência pragmática é ativada

"Sons de Dentro: a sobrevivência pragmática de um músico da favela"

Bruno Coutinho de Souza Oliveira¹

como um mecanismo de subsistência material e simbólica, prática fundamental para continuar existindo como músico na cidade.

Mais recentemente, em uma entrevista concedida a mim na laje de uma ONG no Complexo do Alemão, Veto ressaltou a importância das redes sociais no seu trabalho como músico, atribuindo ao período pandêmico, o momento de entendimento de como o trabalho artístico está fortemente ancorado nas atividades na internet.

Mas eu acho que, assim, pós pandemia, eu acho que a gente sai mais entendedor da função do artista, e mais preparado para batalhar por essa função. Entende? Eu acho que, de alguma maneira, a gente ganha mais artifício, através da internet que apareceu, a gente hoje consegue fazer relações comerciais através da internet, antes não, antes você estava trabalhando.

Essa relação entre o que se deseja e o que se conquista na atuação como músico imbricado no nexo on-line/off-line. A vida nas redes digitais e no contexto material e simbólico vivido nas periferias por seus moradores remete-nos ao que Blommaert e May (2019) destacam na inseparável relação entre a vida on-line e off-line no mundo globalizado. Os autores reforçam a necessidade de se considerar a interdependência dessas duas dimensões da vida contemporânea como forma de compreensão das sociedades "superdiversas", ou seja, a sociabilidade supradimensional do cotidiano que estrutura as formas de produção da vida social e econômica em uma multiplicidade de expressões das identidades modernas. As relações e ações sociais não são representadas apenas por meio de uma arena física off-line de participantes co-presentes que se encontram no espaço público. No mundo contemporâneo, há um complexo cruzamento entre as dimensões on-line e off-line. Em suas palavras:

Vivemos nossas vidas em um nexo on-line/off-line. Essa simples observação nos torna conscientes de que as ações sociais podem ser organizadas, montadas, "dotadas" e distribuídas tanto em espaços online quanto offline. Isso também nos ajuda a perceber que muito do que observamos no modo de ação social em áreas da superdiversidade (off-line, geográfica)



"Sons de Dentro: a sobrevivência pragmática de um músico da favela"

Bruno Coutinho de Souza Oliveira¹

(...) tem sido condicionada e, talvez, possibilitada pela infraestrutura on-line, tanto em termos de atores, quanto da topografia. (Blommaert e May, 2019, p. 2).

A partir dessas contribuições trazidas por Veto Martins, pode-se entender que as desigualdades sociais, econômicas, políticas e territoriais que estruturam os espaços periféricos off-line condicionam as performances dos artistas que se realizam em espaços on-line. Duas dimensões interdependentes da vida cotidiana que organizam as narrativas como prática social. Segundo Freitas (2017), as narrativas podem ser entendidas como performances na medida em que produzem aquilo que é descrito/contado, uma forma de "fazer acontecer" com aquilo que há disponível no mundo. Observar a forma como os artistas situados fisicamente em favelas e morros do Rio de Janeiro e de Niterói mobilizam seus escassos recursos materiais na produção de suas apresentações artísticas no "Sons de Dentro", por exemplo, evidenciam como essas duas dimensões do cotidiano estão imbricadas na produção de significados que, ambigualmente, reificam e/ou resignificam os lugares de pertencimento e os tipos de agenciamento dessas pessoas.

4. Considerações finais

Ouvir, ver, sentir e refletir sobre as narrativas de artistas como Veto Martins é, acima de tudo, deparar-se de maneira explícita com as dinâmicas sociorraciais que atravessam as performances de músicos como ele. A realidade desse morador de um dos complexos de favela mais emblemáticos no Brasil – reconhecido como o QG de uma grande facção criminosa – é a realidade de muitas pessoas que historicamente foram submetidas à lógica de exclusão e de abandono pelas representações do poder público, quando não exterminadas pelas práticas policiais das instituições de segurança pública.

Com a pandemia, como foi evidenciado logo no início deste artigo, o fosso que separa a população de favela (majoritariamente negra) do restante da cidade, tornou-se mais fundo, dificultando, não só a realização do trabalho de artistas periféricos, como a própria preservação da vida. No entanto, por meio de ações como o programa "Sons de Dentro", esses



"Sons de Dentro: a sobrevivência pragmática de um músico da favela"

Bruno Coutinho de Souza Oliveira¹

mesmos músicos puderam expor, mesmo que para uma audiência pequena quando comparada com *lives* de artistas consagrados da música popular brasileira, suas percepções sobre o momento, como se entendem na estrutura social em que estão inseridos e quais saídas consideram possíveis para a continuidade e crescimento de seus trabalhos artísticos.

Por meio de suas narrativas, Veto trouxe diferentes elementos interseccionados para refletir criticamente sobre os limites e as possibilidades de realizar sua arte. Inicialmente, Veto narrou sua leitura sobre a vida do morador de favela em GPS. Na sua composição, ser favelado e negro carregam a necessidade de estar sempre alerta para que não só se estabeleça como um trabalhador, mas para que permaneça vivo. Uma sobrevivência mantida na percepção aguda sobre os limites da vida na cidade estratificada e segregada por classe social e pela cor da pele. Depois, em suas narrativas de sobrevivência, traz a dimensão da relação entre o capital e o trabalho nas suas múltiplas atividades combinadas. "Viver da música" é uma expressão que carrega os sentidos do sonho artístico de realizar exclusivamente suas atividades musicais, de maneira profissional, sem ter que se desdobrar em diferentes atividades laborais. Não somente Veto, mas inúmeros artistas independentes – aqueles que não possuem qualquer tipo de vinculação contratual com gravadoras ou quaisquer empresas do setor – não conseguem remuneração exclusiva com o trabalho musical, devido principalmente aos baixos valores praticados pelos estabelecimentos comerciais (principalmente bares, restaurantes e *pubs*) e pelo alto grau de informalidade dos acordos para a atividade-fim – a apresentação musical –, fazendo com que não se estabeleça qualquer compromisso de permanência ou periodicidade entre quem contrata e o contratado. Na pandemia, nem essa relação precarizada se estabeleceu, gerando sentimentos de insegurança e dificuldades financeiras graves. As *lives*, como o Programa "Sons de Dentro", desempenharam uma função social importante, promovendo encontros e estabelecendo novas redes entre artistas, mas não geraram renda mínima para os músicos como Veto. Cabe ressaltar que o auxílio governamental do período (Auxílio Brasil)



também apresentava uma série de dificuldades burocráticas para ser concedido.

Com a reflexão sobre o nexos entre o mundo digital e a vida concreta, e a maneira como Veto pensa sua performance vinculada aos gostos de suas audiências em repertórios calculados, podemos perceber nesse conjunto de atos táticos que a sobrevivência dessas pessoas, nas rotinas da cidade segregada e desigual, torna-se algo a ser tomado em sua perspectiva extremamente pragmática e objetiva. A subjetividade da arte de Veto e de tantas outras expressões periféricas encontra-se exatamente no exercício dialético entre o ser e o estar vivo (literal e poeticamente) na contemporaneidade, o que exige de nós, estudiosos da música, a capacidade de interpretação sobre o que é, como e quem faz a música que sobrevive (ou não) em nossos ouvidos seletivos.

Referências

BAUMANN, R., BRIGGS, C. Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. Tradução: Vânia Z. Cardoso. Revisão: Luciana Hartmann. ILHA – Revista de Antropologia. V. 8. N. 1, 2., 2006 [1990].

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. Obras escolhidas: magia, técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BLOMMAERT, J. MAY, I. Invisible lines in the online-offline linguistic landscape. Tilburg Papers in Culture Studies. Paper 223, 2019.

BOLTANSKI, L., THÉVENOT, L. On justifications: Economies of Worth. New Jersey. Princeton University Press, 2006.

BOLTANSKI, L., THÉVENOT, L. The sociology of critical capacity. European Journal of Social Theory 2(3): 359-377 Copyright 1999. Sage Publications: London, Thousand Oaks, CA and New Delhi.

BOLTANSKI, L., THÉVENOT, L. De la justification. Paris: Gallimard, 1991.



BUTLER, Judith, et al. Vulnerability in Resistance. Duke University Press, 2016. JSTOR, <https://doi.org/10.2307/j.ctv11vc78r>. Acessado em 31 Ago. 2025.

BUTLER, Judith. A força da não-violência: um vínculo ético-político. São Paulo: Boitempo, 2021

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: 1 e 2. Artes de fazer. 14 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COSTA, M.A. N. et al. Dossiê: COVID-19 – Testando a humanidade brasileira. Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito. Volume 22, N. 2. Niterói: Editora PPGSD-UFF, Agosto, 2020.

DANTAS, A. MELLO, M.S., PASSOS, P., Periferias em cena! 4º Curso de Formação de Agentes Culturais Populares. Rio de Janeiro, 2012.

FABRÍCIO, Branca F. Linguística aplicada e visão de linguagem: por uma INdisciplinaridade radical. RBLA, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 599-617, 2017.

FACINA, A. SILVA, D.N., LOPES, A. "Sobrevivência, linguagem e diferença: política no tempo do agora". In.: Nó em pingod'água: sobrevivência, cultura e linguagem. (Org.) Adriana C. Lopes, Adriana Facina, Daniel N. Silva. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mórula; Florianópolis [SC]: Insular, 2019. Pp. 15-30.

FACINA, Adriana. "Cultura em tempo de perigo". In.: Nó em pingo d'água: sobrevivência, cultura e linguagem. (Org.) Adriana C. Lopes, Adriana Facina, Daniel N. Silva. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mórula; Florianópolis [SC]: Insular, 2019.pp. 99-108.

FANON, Frantz. Peles Negras, Máscaras Brancas. Salvador: EDUFBA, 2008

FARIAS, Juliana; LEITE, Márcia Pereira. "Militarização e dispositivos governamentais para lidar com os inimigos do/no Rio de Janeiro". In: LEITE, Márcia Pereira; FARIAS, Juliana (orgs.). Militarização no Rio de Janeiro: da 'pacificação' à intervenção. Rio de Janeiro: Mórula, 2018. p. 240–260.



"Sons de Dentro: a sobrevivência pragmática de um músico da favela"

Bruno Coutinho de Souza Oliveira¹

FREITAS, Letícia F. R. "Posicionamentos interacionais em pequenas histórias contadas por um universitário migrante – performances de masculinidade heterossexual." FORUM Linguístico. V. 14. N. 2. (2017).

GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Small stories, interaction and identities. Studies in Narrative (SiN). Volume 8. John Benjamins Publishing Co, Amsterdam, The Netherlands / John Benjamins North America, Philadelphia, USA. 2007.

GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223 - 244.

LOPES, A. C. et al. Letramentos de sobrevivência: costurando vozes e histórias. Revista da ABPN. V. 10. Ed. Especial – Caderno Temático: Letramento de Reexistência. Janeiro de 2018, p. 678-703.

MAIA, Junot. "A internet salvou a gente mais que a UPP: tecnologias digitais conectadas em meio a uma cultura de sobrevivência". In.: Nó em pingod'água: sobrevivência, cultura e linguagem. (Org.) Adriana C. Lopes, Adriana Facina, Daniel N. Silva. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mórula; Florianópolis [SC]: Insular, 2019.

MOITA LOPES, L. P. A performance narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. In: Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. nº 27, vol. 2. 2009, p.128-157.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

OLIVEIRA, Bruno Coutinho de Souza. "Sobrevivência pragmática da moradia favelada: a história de Dandara". In: Nó em pingo d'água: sobrevivência, cultura e linguagem. (Org.) Adriana C. Lopes, Adriana Facina, Daniel N. Silva. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mórula; Florianópolis [SC]: Insular, 2019, p. 251-268.

SEEGER, A. "Etnomusicologia/antropologia da música: disciplinas distintas?". In: ARAÚJO, S.; PAZ, G.; CAMBRIA, V. (Org.). Música em debate:



"Sons de Dentro: a sobrevivência pragmática de um músico da favela"

Bruno Coutinho de Souza Oliveira¹

perspectiva interdisciplinares. Rio de Janeiro: Mauad X/Faperj, 2008, p. 17-31.

TAYLOR, Charles. As fontes do self: a construção da identidade moderna. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

